

SEPARATA DA REVISTA A ORDEM
Nº 84 de 1 a 4 de 1993

**A LOUCURA E O
SUICÍDIO NA
TEMÁTICA DE ALCEU**

Evaristo Moraes Filho
Academia Brasileira de Letras

A Loucura e o Suicídio na Temática de Alceu

"A maneira como se encara vulgarmente a loucura é errônea; o louco não é o homem que perdeu a razão, mas o homem que perdeu tudo menos a razão."

G. K. Chesterton, *Ortodoxia*, trad., Porto, 1944, p. 19.

"Só a loucura é que é grande!

E só ela que é feliz!"

Fernando Pessoa, *"O Primeiro Fausto"*, In *Obra Poética*, Editora José Aguilar, Rio de Janeiro, 1960, p. 440.

O título deste breve ensaio parece, à primeira vista, estar em completa contradição com a imagem que Alceu deixava em quem o conhecia pessoalmente. Alto, bem disposto, sanguíneo, forte, saudável, risonho — não raro, de sonoras gargalhadas —, de passos largos, de grandes caminhadas pela cidade, de palavra fácil e apropriada, de gestos francos; enfim, tudo nele era expansão, higidez e alegria de viver. Somente nos últimos anos de vida — ou, talvez, no último —, já doente, é que se denotavam alguns sinais de cansaço. Mas o entusiasmo era sempre o mesmo, vivendo a vida em sua plenitude, sem lamúrias, nem depressões. Ninguém parecia mais feliz.

Pois bem, não escondeu ele nunca em alguns de seus escritos, de épocas diversas, a sua obsessão pelo estudo e compreensão da loucura, da morte e do suicídio. Em certos momentos, principalmente durante o longo processo de sua conversão, temeu a loucura, desejou a morte e esteve à beira do suicídio. Depois de árduo e demorado sofrimento, a fé o salvou, voltou a encontrar Deus e a alegria de viver.

Foi a este Alceu que nos acostumamos a ver e admirar. Com a conversão encontrou o seu verdadeiro caminho, viu desaparecer a distância entre ele e o seu destino; pelo contrário, amou-o, aceitou-o e fez dele a sua missão até os últimos alentos de vida. Mas o caminho percorrido foi de pedras, de sofrimento, de desespero, de hesitações e de angústia. A principal fonte desse seu estado de espírito encontra-se na correspondência que manteve com Jackson de Figueiredo durante nove anos, de 1919 a 1928. Mas, já anteriormente, quando de sua terceira viagem à Europa, em 1913, no ano em que completou 20 anos e se formou em Direito, Alceu sofre a sua primeira grande crise existencial. Em dezembro de 1912, sua irmã mais velha, Abigail, inteligentíssima, ficou internada como louca no Sanatório de S. Lucas, e lá permaneceu longe da família até 1943, quando faleceu e foi sepultada no cemitério local, em Pau, no sul da França, nos Pirineus. Assim descreve Alceu a cena da separação: "Pau tem para mim um espinho. Lá fui levar flores ao túmulo de uma irmã. No Sanatório de S. Lucas, tomei com mãos trêmulas da velha folha onde em 1912 meu pai fizera as declarações necessárias para ali internar nossa irmã mais velha. Viéramos juntos então, no trem até Bayonne. Ali ele desceu com minha irmã mocinha e uma empregada. Foi a última vez que a vi. Fora uma menina linda. Machado de Assis

fizera versos para ela recitar, pois gostava de brincar com ela, na grade da nossa casa. Seus cachos encantavam o velho viúvo, melancólico. Fora linda e inteligente. Tão inteligente que alguma corda se partiu muito cedo, naquela menina que fora o encanto primeiro de um lar feliz.”

Fora também o primeiro encontro de Alceu com a loucura, “a luta impotente da ciência contra as sombras do crepúsculo interior.” (1) Quando em Paris assistira aos cursos de Bergson, iniciando-se, por assim dizer, a primeira fase da sua conversão. Abandona o evolucionismo materialista à Spencer — influência talvez de Sívio Romero, seu professor e paraninfo — passando a um evolucionismo espiritualista. Mas é em 1914, quando da sua quarta viagem à Europa, que a idéia de suicídio lhe passa rapidamente pela cabeça. Encontrava-se em Veneza, no hotel Danieli, quando, em meio à meditação, solitário, se dá conta da “perplexidade, não só dos rumos a seguir na vida, mas do próprio sentido da vida.” Em outro local, mais explícito: “Viajando sozinho, sentia-me freqüentemente dominado pelo sentimento de solidão, apesar de todo o meu encantamento para viagem. Entregava-me, por isso mesmo, de vez em quando a inquietas reflexões sobre meu destino diante da vida. Foi num desses momentos, em Veneza, que disse para mim mesmo: “Quando diabo estou fazendo no mundo? Detesto a advocacia. Não tenho religião. Nada tem sentido. Terminarei louco ou me suicidando.” (2)

Bacharel em Direito, mas sem vocação para a advocacia, com boa reserva financeira, saudável, culto, sente-se contudo um inútil, em disponibilidade, com a cabeça vazia. Vivera até então o que ele próprio chama de sibiritismo, de fruição dos bens da vida, dos esportes, das boas leituras, das viagens, mas a verdade é que o mundo ia mudando e logo começa a Guerra. Só então, segundo Alceu — com a Crise, a Guerra e a Revolução (1917) — termina o século XIX. Os tempos eram outros, ameaçando o sossego e o bem-estar da *belle époque*. Atraído pelas esquerdas, preocupa-se com os problemas sociais, com a miséria, com a má distribuição da fortuna, enfim, com a injustiça social. Informa o próprio Alceu: “Daí a minha receptividade para com a obra e o pensamento de Barbusse. É o início de uma atividade literária militante, profissional, num ambiente em que não havia crítica literária, que coincide com o meu grande interesse pela causa social, pelo destino do homem. Foi aí que a idéia de liberdade, subconsciente em mim, se juntou à de justiça. Minhas maiores influências nessa época foram Barbusse, Romain Rolland e Pierre Mac-Orlan. Era uma influência mais sentimental, sem raízes profundas nas teorias socialistas.” (3)

É dessa época, por exemplo, o seu artigo *Um socialista revolucionário*, de 20 de junho de 1919, sobre Henri Barbusse. Não hesita Alceu em fazer o elogio e a pregação do seu movimento *Clarté*, ao qual pertenceram no Brasil somente homens de esquerda. Para ele Barbusse foi o grande épico da guerra, “prega a ruína, mas a quer apressar para a obra necessária de reconstrução” ... “Henri Barbusse acentua o seu amor à razão, sua confiança no pensamento, seu apego à ordem. — *La révolution, c'est l'ordre*. Esta frase poderosa resume seu idealismo positivo” ... “O amor pelo homem do povo sofredor, vítima do mecanismo social, pelo soldado raso, pelo proletário intelectual e manual, aguçou-lhe ao contato íntimo com a tragédia de 1914” ... “Apiedado dos homens, odeia a sociedade atual, injusta e absurda” ... “Sua fé na

remodelação social não é utópica” ... “Não é idílico o seu quadro do futuro: é justo e razoável.” (4)

Com o fim da Guerra, findava também a *belle époque*, fundavam-se a Organização Internacional do Trabalho, dava-se a Revolução Russa e por toda a parte surgiam movimentos revolucionários e grevistas, ficavam a descoberto, pedindo solução, os graves problemas de uma sociedade que parecia existir somente para o gozo de uma burguesia estável e tranqüila. Em diversos locais de sua imensa obra refere-se Alceu a esse momento crucial da humanidade. Sensível como era, logo toma consciência e partido nessa luta que parecia de vida e morte. Em uma passagem, bem significativa: “Nesse período de ebulição de idéias, iniciado com o pós-guerra, duas preocupações, verdadeiramente absorventes, abriram para mim, em parte o caminho que me levaria a conversão ao Catolicismo. Primeiro o interesse pelas causas sociais, a que já me referi. A segunda preocupação, que lhe poderá parecer surpreendente, diz respeito ao problema da *loucura*, da passagem da sanidade mental para a insanidade mental e, sobretudo, os estados intermediários. Os estudos da psiquiatria me levaram aos estudos de psicologia profunda e, portanto da psicanálise.” (Grifo de Alceu).

E prossegue: “Essas preocupações estavam ligadas ao vitalismo de Ortega y Gasset e ao intuitivismo bergsoniano, e me induziram a convicção de que a Razão não era o único instrumento de conhecimento. Ao lado da Razão, e até acima da Razão, isto é, no paraconsciente, no subconsciente e no superconsciente, havia em nosso espírito instrumentos cognoscitivos que nos permitem ingressar em território da realidade total nos quais a Razão era um guia cego, ao passo que esses instrumentos eram para o voo diurno da Razão que hoje são os instrumentos modernos para o voo ego dos aviões. Era a preparação da convicção futura de que a fé, o conhecimento da Revelação, longe de ser uma diminuição ou um desconhecimento, era um desdobramento da Razão, do próprio trabalho cognoscitivo da inteligência. Por esse caminho é que se foi restabelecendo em meu espírito essa harmonia entre Razão e Fé, entre Ciência e Religião, entre Inteligência e Sensibilidade, que afinal ia concretizar-se em 1928, com a minha conversão.” (5)

Mas entre aquele momento do pós-guerra e a conversão — ou volta à Igreja — de Alceu, transcorre exatamente o longo período mais dramático e amargo da sua vida. Havia sido apresentado a Jackson de Figueiredo por Afrânio Peixoto, seu concunhado, em fins de 1918. No ano seguinte dá-se o início da correspondência entre ambos, que só terminará com a morte de Jackson em novembro de 1928. Naquele mesmo ano de início da correspondência, começava Alceu a sua crítica literária em *O Jornal*, fazendo-se desde logo conhecido e respeitado entre os intelectuais do seu tempo. Foi, por assim dizer, o crítico do modernismo, não por ser modernista, mas por acompanhar o desenrolar do movimento da Semana de 1922 em todos os seus passos, ora com concordância, ora com repúdio.

O que importa agora, no entanto, é seguir a luta interior, as transformações que se vão dando no espírito de Alceu, até sua conversão em 15 de agosto de 1928, quando, finalmente, recebe a comunhão das mãos do Padre Leonel Franca. Em carta de 16 de agosto, escrevia Alceu a Jackson: “Estou portanto de novo na velha Igreja.” O que parece uma simples frase de mera comunicação é, na verdade, o coroamento — feliz — de uma luta feroz com a dúvida, o desespero, a loucura, o suicídio e a morte, como

qualquer coisa de mais trágico e de mais misterioso do que a perda do contato com a razão, esse deslocamento do espírito que revolve tudo o que há de mais alto em nós, e cria uma nova vida e um novo mundo e uma nova forma de inteligência? Sim, porque o louco não é o que perde a razão. É o que inverte a razão. É o que desarticula a razão. É o que perde o equilíbrio e o domínio de uma coisa, de forma que a loucura é apenas uma forma nova de razão. Que pode ser superior à forma normal, a três dimensões, como a vemos no cotidiano da vida ou no rigor da lógica. E que, pelo menos, não é necessariamente uma decadência, uma degenerescência." ... "separar o mal da razão do mistério da vida é (era) condenar-se ao erro sistemático, à impossibilidade de tocar a realidade viva que se procura (procurava) justamente atingir" ... "devo confessar que nada, em 1927, me interessa tanto como a loucura."

E se desculpando sobre o uso do termo — o que também serve para o título deste nosso pequeno ensaio: "Como quer que seja, é inegável que a ciência tem dado recentemente passos consideráveis para a explicação da loucura. Bem sei que a *loucura* não existe para a psiquiatria moderna. Existe tão pouco a loucura para os psiquiatras como o ponto para os geômetras. O que não impede de convir o emprego de termo, como indicação geral pouco precisa, mas fácil de compreensão." (10)

Bem mais tarde, já depois de convertido, vê na poesia de Murilo Mendes "intensidades poéticas nunca alcançadas em nossa poesia", e conclui: "Se tocam as raízes da loucura é que realmente a loucura é o mais tremendo dos mistérios humanos. O homem é o animal que enlouquece..." (11)

Voltando à correspondência com Jackson, que naquele ano ia muito intensa, Alceu dá vazão a seu pessimismo e ao seu desalento. Para ele, "o homem é uma experiência que Deus abandonou." Frase que chegou a alarmar Jackson quanto ao estado de espírito do seu amigo. "Eu duvido, dizia Alceu, que haja quem se despreze tanto a si mesmo como eu." Julgava-se "ser um homem miseravelmente *mediocre* atrás de uma fachada de superioridade." Andava numa perene angústia, "sem quase esperança de não ser irremediavelmente tragado para a loucura ou para o conformismo seco, árido, nu, abominável." Pedia a Deus que o dia de sua morte não estivesse longe. Vive trancado em si mesmo, ruminando seus próprios pensamentos, sem coragem nem aptidões para a ação, como lhe aconselhava Jackson. Sentia que caminhava para "uma dissolução da inteligência e de todo o espírito, em geral, que em certos momentos o (me) bota louco." (12)

Precisa lançar-se à ação, sair de si mesmo, tomar uma decisão prática, mas sente-se sem forças: "Ah! se eu pudesse partir para aventuras, se eu pudesse arrancar de mim essa casca abominável de bom senso que me asfixia, se eu pudesse lançar-me numa loucura intelectual — eu juro que arrostaria a hipocrisia interior, me faria um católico militante, extremado, aventureiro, como você, e iria fundar com você, um panfleto em que nós cortássemos as amarras com a terrível quietude do meio e partíssemos em guerra pela recatolicização (eta!) romântica destes brasais, e acabaríamos ambos na ponta de alguma faca de sicário, num gesto que resgataria o terra-a-terra que nos agrilhoa. A sedução da loucura!

Você não imagina como eu vivo seduzido pela loucura! Eu tenho medo disso. Eu não ousa nem confessar a mim mesmo. Mas vivo seduzido pela loucura! Eu tenho medo disto. Eu não ousa nem confessar a mim mesmo. Mas vivo cercado de livros

sobre loucura." Lançou-se aos trabalhos preparatórios de um livro sobre as "formas elementares ou *essenciais* de arte: a arte dos loucos, a arte dos índios, a arte das crianças. No momento era o tema de estética que mais o seduzia. E logo adiante: "Mas, como ia dizendo, comecei pelos loucos. E fiquei por tal forma seduzido. E ao mesmo tempo revoltado por ver tratado tão materialisticamente esse formidável mistério dos *limites da razão*, que fiquei apenas nos loucos. E não fiz mais nada." (13)

Jackson o consola, contando-lhe seu próprio drama: "Eu mesmo tenho medo de mim certas horas, e estou certo que Deus tem sido misericordiosíssimo para comigo nessa perpétua floração de dificuldades, com que enche, desde a adolescência, a paisagem da minha vida." Até a morte será um palco de luta consigo mesmo, "uma consciência que se espanta, a cada hora, de ainda ter debaixo de si uma quimera. Não lhe servirá esta renovada confissão para os seus estudos sobre a loucura?" Aconselha Alceu que abandone "o seu hábito de trazer-se perpetuamente sob um microscópio." Tais estudos "representam, sem dúvida, uma tentação do demônio. Porque o demônio existe." (14)

Apesar dos conselhos e dos exemplos de Jackson, verdadeiro mentor de Alceu, a luta deste continua, não encontra sossego nem consolo na "perene angústia em que anda" (carta de 05.09.27). Em carta de 18 de outubro, confessa-se "em plena *tentação de desespero*." (Grifo de Alceu).

Em carta de 19 de novembro como que atinge o máximo de desespero de desprezo de si mesmo: "Você bem sabe que ninguém pode dizer de mim algum mal que eu mesmo já não tenha formulado no íntimo." "Sinto-me cada vez mais insociável e o homem insociável está condenado a ter em torno de si uma rede de antipatias. E, sobretudo, nunca poderá *participar* da vida literária, da vida de inteligência da sua geração, do seu povo, para poder bem avaliá-la." ... "Sou um solitário, um inadaptável. Um desgraçado esquizóide! Só me sinto bem com gente simples, sem preocupações transcendentais. E sobretudo com gente boa."

Felizmente, como se enganava Alceu! Ninguém participou mais da vida literária, da vida de inteligência da sua geração e do seu povo. Poucos intelectuais, entre nós, em todos os tempos, tiveram a mesma influência espiritual. Com razão, pôde anotar D. Basílio Penido à margem desta carta: "E ele acabou tão querido de todos!"

Na carta de 09 de agosto, escrevia Alceu que o seu estado de espírito não se tratava de masoquismo nem de "volúpia de humilhar-se" ou outra frase de literatice. Os seus sofrimentos eram reais e profundos. Falava com toda a calma, sem estusiasmo nem depressão, serenamente. E concluía: "Tenho duas filhas que são o meu maior, o meu único *prazer puro* da vida. Tenho uma mulher a quem amo, como no dia em que me casei, e que sei também me quer um grande bem. Tenho uma mãe que morreria talvez se eu morresse. Tenho uma família que me cerca de tudo a que posso aspirar na vida. Tenho uma casinha deliciosa. Um canto de livros onde passo as únicas horas boas que hoje vivo. Tenho uma posição de fortuna que me permite viver sem preocupação (de momento) alguma de dinheiro, abominável dinheiro. Fiz um pequeno nome literário. Tenho tudo, tudo, tudo, o que um homem normal pode desejar na vida." (Grifo de Alceu)

Assim mesmo, como já citamos anteriormente, sentia-se "ferido de morte, sentia-se velho." E pouco adiante: "Sinto-me um homem fraco, sem personalidade,

morno (!), com uma tara horrorosa de burguesismo, de terra-a-terra." Não sabe como conciliar esse burguesismo com o verdadeiro cristianismo. Faz a opção pelos pobres, mas as suas dúvidas persistem e o obsecam. Pede a morte, teme a loucura. Numerosas são as suas alusões ao suicídio. No dia 25 de novembro visita Leonel Franca, todo espiritualidade. Consola-se um pouco, mas tem medo de falhar ao ingressar na Igreja. Teme "a sua disciplina racional", a perda da sua liberdade: "Até que ponto, se eu vier a dar esse passo (quando penso nisso sinto um horror, como diante da morte, e não da vida, como deveria ser) terei de aniquilar a mim mesmo, matar a mim mesmo, fugir do que sou hoje, do único que posso ser hoje. Escravidão, dizem *banalmente* todos os que estão de fora. E os que estão dentro respondem - *liberdade*. Onde a verdade, a terrível verdade, a que só se pode saber, talvez, na hora de dar o passo definitivo?" (Grifo de Alceu).(15)

Alceu vê "a fé como um oceano e não como um porto. Como um levantar de âncora e não um ancoramento" ... "A quantas *interrogações* se terá de *renunciar*, depois que se chega a crer nas afirmações com que a Igreja nos força? E não vejo no mundo delícia maior do que interrogar." Assim conclui a mesma carta. Franca, com quem esteve, "sente a criatura que espermeia, mas que está segura." Ele, Alceu, já se sente da Igreja pela metade, o resto é mera questão de coragem. Tem medo de cometer um erro contra o seu temperamento, mas sente que já está a caminho, embora veja, apavorado, "a atração irresistível do abismo. E esse abismo se chama *dilitantismo*." (Grifos são sempre de Alceu). A angústia em que vive é tanta que o leva a escrever: "Sou um lento e permanente suicídio. E sinto a vida fugir, as oportunidades, as justas ambições. Sinto-me estrangeiro em todas as coisas."(16)

Não quer ser um carola, batedor de peitos como o Sr. Manuel das cebolas ou Sr. Manuel dos tijolos. "Miséria. Eu não sou, digo, um católico. Mas *há* em mim um católico. O meu caso é quase patológico. Eu *sinto* em mim várias personalidades. E daí a imensa atração que os estudos de psiquiatria têm exercido sobre mim."(17) Em carta de 14 de dezembro, mantinha-se "na incorrigível negação de si (mim) mesmo" ... "Ontem, em conversa com Leonel Franca (a quem fui de novo procurar) dizia-lhe eu: "Eu *infelizmente* nunca fui um *adversário* da Igreja. E quem vem da indiferença nunca alcança o amor como alcança quem vem do ódio" ... "Eu tenho verdadeiras ondas de ódio contra mim mesmo, mas tudo acaba *em nada*, por falta de força bastante de odiar."

Quatro dias depois, em outra carta, dizia-se "o mesmo bisonho, o mesmo incompleto, o mesmo incapaz, o mesmo esquisitão de até hoje." Sentia, no seu caminho para a Igreja, o obstáculo do seu bem-estar financeiro: ... "É quase indispensável ser pobre." ... "Eu cada vez tenho mais horror ao dinheiro, e ao mal que o dinheiro espalha na terra e à ameaça que ele representa para a alma humana."(18) Em diversas oportunidades, volta Alceu a esta afirmativa, que não o deixa em paz consigo mesmo. O seu desespero vai num crescendo terrível, não vê remédio para a sua situação, a ponto de confessar a Jackson, em carta de 14 de janeiro de 1928: "Nunca estive tão fundo como agora, em matéria de aniquilamento." ... "Não procure consolar-me. Não há consolo para o meu mal. Nem a Cruz, nem o revólver. E todos me julgam vencido pela Cruz. E eu não encontro em mim nada de vivo para dar à Cruz." Sente-se falhado (06.08.28), e conclui: "Terrível temperamento de autonegação! Que cruz!"

Terrível é a vida, carta de 16.03.28. Dias depois, a 24: "Na sua correspondência com Claudel (leu?) dizia uma vez Jacques Rivière que a sua dificuldade de crer, isto é, de sair de si, pois a Fé é, por essência, uma extrapersonalização, uma saída de dentro de si mesmo, e daí a sua terrível dificuldade para os seres fechados e retraídos como eu." Mas apesar de todos os sofrimentos, o seu caminho para a Igreja não se interrompe: "Comigo, por exemplo, posso dizer que a minha cristianização se deu por uma paradoxalização da natureza. Foi por sentir o absurdo de Deus que cheguei a compreender a Verdade de Deus. Foi por sentir o absurdo da Igreja, que compreendi a Verdade dela. Foi por ver na Cruz uma loucura, que toquei a Verdade da Cruz."(19) E, bem mais adiante, a menos de um mês de sua conversão definitiva: "Se eu não tivesse a Fé, ou pelo menos um certo calor de Fe que tenho, sinto que ficaria louco."(20) Irritava-se contra a sua saúde: "O meu corpo sadio, moço, forte, só pode ser a sede um espírito sadio, moço, forte." Estava sadio como um jequitibá, a culpa era toda dele e não de seu corpo, saudável. Contudo já acreditava saber onde estava a Verdade, a que chamara, de certa, feita, "o meu último trunfo."(21)

Patética, como tantas outras, é a sua carta de 23 de julho, na qual se confessa seduzido pelo comunismo. Tinha vergonha de sua condição "de vinte anos de sibiritismo intelectual", de operários famintos, sem nenhuma revolta, morrendo a mingua, humildes e maltrapilhos. São palavras suas. E exclamava: "Como pode Deus permitir isso. E como posso eu, católico, ser cúmplice disto, eu, senhor de escravos operários em 1928, como os negreiros de 1828, senhor de escravos-agricolas. Isso é que é *realismo*: Verdade nua. Impetos de suicídio. Mas Deus; Deus, que eu achei de novo, realmente, *ou* que recriei para adormecer os meus remorsos de homem rico, de homem farto, de escravagista. É uma covardia tratar de literatura, num momento desses do mundo — e, no entanto, se não o fizer, sinto que enlouqueço."(22)

Sua comunhão a 15 de agosto de 1928 não o tranquilizaria de todo. A sua carta de 16, do dia seguinte é breve, ainda cheia de receios: "Estou portanto de novo na velha Igreja. Que farei por ela? Poderei fazer alguma coisa? São tantas as nuvens no horizonte, dentro de mim e fora de mim! Tanta coisa a pesar-me sobre a alma! Há momentos em que vejo tudo *insolúvel*. É o que penso neste de agora."

Já tendo se classificado como esquizóide, como insociável, sempre se julgou incapaz de ação, e volta a repeti-lo a 30 de agosto: "Não tenho nenhuma ambição de influir em nosso meio e bem sei que não tenho capacidade para fazer nada de positivo. Mas há não sei que engrenagem em tudo isso. E com o meu horror a ação, a minha incapacidade de agir, sinto-me terrivelmente infeliz." Como se enganara Alceu, ele que será o maior líder católico leigo do nosso tempo, sempre em ação, sempre a serviço da fé e da catequese!

O seu demônio, dizia em carta de 28 de setembro, era a tristeza, que ia corroendo o seu coração "como uma ferida", e textual: "Sinto de tal forma a minha incapacidade de *viver*, que só vejo uma solução que brota sem querer do fundo do meu peito, como uma libertação, a libertação. Volto a invejar todos os que morrem." A 1^a de outubro, sente um desespero mudo de si mesmo, cada vez maior: "Gosto daquela morte que Deus proíbe que venha a nós por nós mesmos e que no entanto seria o único repouso para as almas que não são absolutamente dignas de ser cristãs, como a minha, estragada por vinte anos de vida burguesa, de cultura pura, de malabarismo da razão, de excessos, de desordens e cerebrais de toda espécie." Páginas atrás, entretanto (a

24 de setembro) já reconhecia: "Não pode ser apenas tristeza a concepção cristã da vida, pois não se manteria no coração dos homens, onde há sempre a busca da alegria e da esperança."

E será esse o caminho de Alceu para o resto da vida. Com a morte de Jackson a 04 de novembro, vê-se convidado a substituí-lo a frente do Centro D. Vital e da revista *A Ordem*, revela-se então um grande condutor de almas, mergulha no movimento católico, toma posição política, descobre-se um homem de ação sem igual. E o será, a serviço da Igreja, até os fins de seus dias, quase aos 90 anos de idade.

O seu temperamento, contudo, não mudará substancialmente. Continua um homem reservado, alheio a igrejinhas de toda ordem e conscio da sua privacidade. Poucos são os privilegiados da sua vida íntima. Mas sua vida pública é um livro aberto, de luta franca, de ardente entusiasmo pela Verdade e sua difusão.

Em 1974, aos 80 anos de idade, no ensaio sobre *Os caminhos noturnos do espírito*, já de volta na vida, quase no fim do caminho, não teme em confessar: "Sempre me fascinou o mistério da loucura. Creio mesmo ligado a dois acontecimentos capitais em minha própria existência." O primeiro foi a internação de sua irmã, como louca, no Sanatório de Pau em dezembro de 1912. O segundo, *nel mezzo del camin*, se deu na década de 20, já crítico literário, na crise da sua conversão. Diz Alceu: "O horror da loucura se ligou, desde então, em meu próprio pensamento, ao seu mistério, que levou os antigos a dar-lhe o nome de "mal sagrado." ... "Uma frase de Chesterton então me perseguia: "O louco é o que perdeu tudo, exceto a razão." ... "A loucura, então, ao contrário daquele caminho devastador, cujo curso eu acompanhara de perto toda a vida, como uma sucuri enlaçando inexoravelmente minha pobre irmã, apareceu-me como uma libertadora do jugo da razão puramente raciocinante. Pois a loucura, como processo mórbido, é uma força de hipertrofia da razão. O louco, como vítima da razão, é o que pensa incessantemente o seu próprio pensamento, como um pião girando interminavelmente em torno de si próprio. É por isso que a definição de Chesterton, em vez de um simples paradoxo, era realmente um sésamo."

À época, Jackson o advertira: "Cuidado! Tive um amigo, que tanto se apaixonou pela loucura que acabou vendendo cachaca numa venda do sertão." E completa Alceu: "Não sei se era um fato ou uma fábula. Mas a advertência valeu para procurar, no "mal sagrado", o que havia de *libertador*, isto é, a libertação do jugo do *raciocínio indefinido*, voltando-se kafkianamente em torno de si mesmo, a fim de passar, ao contrário da hipertrofia da razão (que se confunde então com a sua própria negação) e conseguir chegar à "loucura da Fé", de que fala São Paulo."

Transcreve Alceu um trecho do seu artigo de 1927 (já referido atrás), e conclui: "Isso foi escrito há 47 anos passados, um ano antes de minha própria conversão religiosa. Era, pelos caminhos noturnos da *loucura* e não pelos da *razão*, que eu chegava à redescoberta de Deus e portanto a integridade da natureza humana." (23)

De 1915 a 1925, os problemas religiosos ainda não figuravam nas cogitações de Alceu. "Estava voltado completamente para a literatura e para a crítica literária." Nos meados da década de 1920 a 1930, começa então a se preocupar com o tema religioso, e sob a influência direta de Jackson de Figueiredo e indireta de Bernanos, Chesterton e Maritain, caminha para a sua conversão. São desse período a sua luta dramática contra a loucura, a morte e o suicídio e as suas meditações angustiosas, à beira do desespero. Mas, já anteriormente, tratara do assunto, como uma permanente de seu espírito. Rapidamente passa por ele em 1922, ao fazer a crítica de livros de Medeiros

e Albuquerque e Menotti del Picchia, mas a 4 de junho do mesmo ano, demora-se um pouco mais ao analisar *O outro lado da Vida* (1921), de Álvaro Moreira. Refere-se à "galeria de seres, às vezes muito humanos no bruxoleio de uma pobre razão que oscila para se apagar ou se reacender. E termina essa parte final entre o pensamento normal e a loucura, nesse crepúsculo em que a sabedoria e a infantilidade se confundem, nessa interrogação eterna do grande mistério da loucura, que é a um tempo gênio e imbecilidade, suprema ventura e implacável desgraça. Tal qual a vida." (24)

Com a conversão de 1928, conquistada mediante dúvidas e sofrimentos atroztes, com a chegada à "loucura da Fé" (São Paulo) e, logo depois, entregando-se de corpo e alma ao exercício dessa mesma Fé, libertou-se Alceu finalmente do contínuo remoer da razão por si mesma, num remoinho sem fim nem saída. A 21 de dezembro de 1931, escrevia-lhe Antônio de Alcântara Machado: "O bem que eu penso de sua ação, você conhece. É grande. Você está atingindo o alto da montanha: passando de indivíduo a exemplo. Não se pode ir mais pra cima." ... "Antes de mais nada, a coragem imensa (é a sua) de se definir. Depois, a de agir." (25)

Finalmente, Alceu seguia o conselho de Jackson: libertou-se da indecisão, da dúvida e dos sofrimentos. Entregou-se à ação católica, fiel à Igreja, até o fim de seus dias, transformando-se no "maior escritor e líder católico do Brasil nos últimos cinquenta anos." (Dom Basílio Penido, O.S.B.) (26)

No último ano de sua vida, não deixa Alceu de voltar aos temas da morte e do suicídio, mas já com outra concepção: tranqüila, serena e consoladora, além de piedosa. Num passo: "Só o homem tem realmente o horror à morte. Ou o medo da morte. Exatamente por ser, por natureza, votado à imortalidade. Nascemos para viver e sobreviver. Não para morrer. A procura voluntária da morte é um ato negativo. Fruto de uma frustração com a vida. E por isso mesmo, inumano. Mas digno da nossa maior piedade. Só os jovens ou os desesperados se suicidam. Tanto uns como outros pelo amor intenso pela vida. Os jovens porque no fundo não crêem que a morte seja um fim. Os desesperados, porque não encontraram na vida tudo quanto esperavam. E do nosso maior respeito. Forçam prematuramente as portas da eternidade, como forçaram cedo demais as portas do tempo."

E em outro passo, abrindo o capítulo seguinte: "Sempre tive o maior respeito por quem considera a morte como o fim da vida. Principalmente pelos suicidas. Inclusive porque, por muito tempo, também assim pensei. Mas hoje creio, cada vez mais firmemente, que, ao contrário, a morte é justamente um desdobramento da vida." (27)

Esta a última mensagem de Alceu: o desesperado de ontem encontrou o caminho e partiu tranqüilo, certo de que "a morte desdobra a vida porque começa um novo modo de viver."

Rio de Janeiro, 30 de julho de 1993.

Notas

- 1 — AAL, *Europa de Hoje*, Livraria Agir Editora, 1951, pp. 108/111. Em homenagem à memória da irmã, assim se denomina o Capítulo XXI do livro: "Abigail ou as primeiras impressões."
- 2 — AAL, *Memórias Improvisadas. Diálogos com Melciros Lima*, Editora Vozes Ltda., Petrópolis, 1973, pp. 91 e 136.
- 3 — *Memórias Improvisadas*, cit., p. 66.
- 4 — AAL, *Estudos Literários* Cia. Aguilar Editora, Rio de Janeiro, 1966, pp. 68/70. E conclui: "O desejo de harmonia é a sua obsessão. Clássico de temperamento e de gosto, sensível de alma e são de pensamento, Henri Barbusse — hoje um grande artista — será talvez amanhã um grande homem."
- 5 — AAL, *Memórias*, cit., pp. 66/67.
- 6 — AAL e J. de Figueiredo, *Correspondência. Harmonia dos Contrastes*, Academia Brasileira de Letras, vol. I, Rio de Janeiro, 1991, p. 320, carta de 04 de fevereiro de 1928.
- 7 — AAL e J. de Figueiredo, cit., vol. I, pp. 47/50.
- 8 — AAL e J. de Figueiredo, cit., pp. 53/61. Carta de 20/21 de outubro de 1922.
- 9 — Quando colocamos no texto as datas das cartas, nos dispensamos de indicar, em nota própria, a página do volume de *Correspondência*.
- 10 — Para os três últimos parágrafos, *Estudos*, 2ª série, 2ª ed., (a 1ª é de 1928), Civilização Brasileira S.A., Rio de Janeiro, 1934, pp. 74/80, 132/136 e 249 e segs.
- 11 — *Estudos*, 5ª série, Civilização Brasileira S.A., Rio de Janeiro, 1933, p. 134.
- 12 — Respectivamente, cartas de 23.08.27, 05.09.27, 05.10.27.
- 13 — Carta de 20.10.27.
- 14 — Carta de 20/21.10.27.
- 15 — Carta de 26.11.27.
- 16 — Carta de 29.11.27.
- 17 — Carta de 06.12.27.
- 18 — *Correspondência*, cit., pp. 267/268, carta de 02.01.28.
- 19 — *Cor.*, cit., vol. II, 1992, p. 61.
- 20 — Carta de 23.07.28, *Cor.*, cit., p. 202.
- 21 — Carta de 11.06.28, *Cor.*, cit., pp. 142/143.
- 22 — Carta de 23.07.28, *Cor.*, cit., pp. 198/199.
- 23 — AAL, *Revolução suicida. Testemunho do tempo presente*, Editora Brasília/Rio, Rio de Janeiro, 1977, pp. 38/40.
- 24 — *Estudos Literários*, cit., respectivamente, pp. 668/9, 778 e 692.
- 25 — In Francisco de Assis Barbosa, *Intelectuais na encruzilhada. Correspondência de Alceu Amoroso Lima e Antônio de Alcântara Machado* (médito).
- 26 — AAL e J. de F., *Cor.*, cit., vol. I, p. 23.
- 27 — AAL, *Tudo é Mistério*, Vozes, Petrópolis, 1983, pp. 86 e 88.

* Livro publicado pela Academia Brasileira de Letras em 2001.